
Tarantino, o Baudrillard do cinema

*Por Juremir Machado da Silva**

Signos em frangalhos. "La réalité est une chienne"¹. Jean Baudrillard sabe que essa cadela é demasiado exibicionista para ser verdadeira. Extremamente evidente, governa-se por um princípio de identidade jamais praticado pelos seres humanos. Quentin Tarantino é o maravilhoso canalha que atira de metralhadora no corpo congelado do pensamento crítico. Na superfície da violência dita obscena dos seus filmes, soberbamente pornográfica, desfila a representação escandalosa da representação que a sociedade norte-americana tem de si mesma. Os exegetas modernos tentam ler o discurso do cineasta por trás do seu enunciado. Encontram apenas o vazio. Tarantino, esse cachorro, nunca se cobre.

Não é preciso ir além de PULP FICTION, Palma de Ouro do Festival de Cannes, em 1994, para afirmar que o realizador — conhece o registro da ironia. Os analistas, enquanto debatem o excesso de violência dos personagens de Tarantino, na eterna busca de uma relação de causa e efeito entre o imaginário e o real, não percebem o lugar onde se trava o verdadeiro combate: a fronteira tênue dos paradigmas em decomposição. O diretor situa-se no outro lado da modernidade, fora do território consolador da identidade. "Un mythe est un

ensemble de conduites et de situations imaginaires"². A definição de Edgar Morin, concebida em 1957, abrange o próprio espaço da reflexão. Através da filmografia de Tarantino, enfrentam-se o mito (criticismo moderno) e o desmitificador.

Na corrida dos dois malandros contra a overdose da namorada do patrão, na história do boxeador que joga a vida contra o relógio de seu pai (estratégia de recuperação simbólica e de perdição física) e na tragicomédia digna dos cronópios de Julio Cortázar (instruções truncadas para livrar-se de um cadáver e de um carro coberto de sangue), Tarantino simula o irreal, o limite, a transição, a representação da representação, o espelho deformado da deformação realista. Culto superior da imagem-conteúdo. Discurso inclusivo que se compraz na autofagia.

Já se disse que Baudrillard é o Tarantino da filosofia. O contrário, até por uma questão cronológica, tem mais validade: Tarantino é o Baudrillard do cinema. Basta lembrar que para o teórico francês o sonho de uma justaposição adequada da percepção (ou idéia) com a realidade só permanece como memória dos tempos heróicos do pensamento crítico moderno³. A perseguição ao signo-matéria persistirá. Há homens que não

podem viver sem a certeza. Tarantino, na contramão dessa utopia, mostra a "normalidade" deste final de século afogado na complexidade da incerteza: a esquizofrenia social.

Num desses textos longos, enfadonhos e opinativos que a revista *Veja* comete, sem a assinatura do autor, Tarantino foi arrolado junto com Falcão, Mamonas Assassinas, Debi & Lóide, etc., sob o rótulo "Tempo de porcaria"⁴. Sintomático. No apogeu da indigência teórica, a crítica brinca de caranguejo. Não se trata de fazer de Tarantino mais um intocável. O mundo já está repleto de divindades. O importante reside na identificação das diferenças formais de "criadores" paridos pela mesma estética do fragmento e do ocaso das narrativas e parâmetros legitimadores.

Esgotado, aparentemente, o tema permanece em estado latente, com erupções em número suficiente para evitar o esquecimento das posições em conflito. Faltam em Tarantino, para desespero dos seus adversários, a apologia do conceito, o fetiche da totalidade e a epifania do pedagógico. Decididamente, Quentin é politicamente incorreto. Dos males, o menor, mesmo para quem o detesta. O problema essencial mora ao lado: a forma carrega o conteúdo; a aceleração sígnica revela a vertigem da atualidade; os estilhaços da Verdade operam com o pluralismo do contexto. Pode-se, claro, optar pela guerra à polissemia.

Os leitores mais sensíveis à apropriação acadêmica de idéias, entre os quais encontram-se, em geral, os jornalistas, terão o desgosto de mais uma citação. Jean Baudrillard denuncia o moralismo ideológico fascinado pelo conteúdo e bloqueado pela exigência de finalidade política dos discursos. Crítica que não se ocupa de "l'écriture, de l'acte de l'écriture, de la forme poétique,

ironique, allusive du langage, du jeu avec le sens. Elle ne voit pas que la résolution du sens est là, dans la forme même, dans la matérialité formelle de l'expression"⁵.

O universo devorado por Tarantino insere-se justamente nessa fenda aberta no coração do narcisismo moderno. As Luzes do espírito já não alcançam a essência dos objetos. Sobram os refletores da simulação. O conteúdo, essa abstração ontológica pervertida pelos sentidos, foi transferida para a ambigüidade dessacralizada e escorregadia da própria forma. Mito entre os mitos, o real conserva a ritualização. Assim como, segundo Morin, o star system morreu, mas a star continua⁶, o mito sobrevive no seu simulacro.

A crítica cinematográfica pauta-se com freqüência pela busca de um Outro no corpo da arte dissecada. Procura desesperada de uma referência salvadora. O cadáver da realidade já foi enterrado. O crime perfeito aconteceu⁷. Restam, como prova, as viúvas do paraíso perdido.

*Jornalista, historiador e doutor em Sociologia pela Sorbonne (Paris V). Professor na FAMECOS/PUCRS.

- 1) BAUDRILLARD, Jean. *La pensée radicale*, Paris, Sens & Tonka, 1994, p.21.
- 2) MORIN, Edgar. *Les stars*, Paris, Seuil, 1972, p. 38.
- 3) BAUDRILLARD, Jean. *La pensée radicale*, op. cit., pp. 11-12.
- 4) "Tempo de porcaria", *Veja*, 20 de setembro de 1995, pp. 103-108.
- 5) BAUDRILLARD, J. *La pensée radicale*, op. cit., p. 29.
- 6) MORIN, Edgar. *Les stars*, op. cit., p. 160.
- 7) BAUDRILLARD, Jean. *Le crime parfait*, Paris, 1995.